

---

## **Midiativismo e subjetividades na imprensa negra: a cobertura do Julho das Pretas no portal Correio Nagô<sup>1</sup>**

André Santana<sup>2</sup>  
Universidade do Estado da Bahia

### **Resumo**

Analisar a cobertura do veículo digital Correio Nagô sobre as mobilizações em torno do Julho das Pretas permite compreender as práticas de midiativismo e de jornalismo de subjetividades que marcam a produção de veículos jornalísticos antirracistas surgidos na internet a partir dos anos 2000. Criado em Salvador em 2008, fruto de experiências de diálogo entre o jornalismo, o ativismo político e a apropriação das Tecnologias de Comunicação e Informação, o portal Correio Nagô exemplifica como as mídias negras, ao atuarem por meio de práticas inclusivas e participativas, que privilegiam fontes e pautas invisibilizadas nos discursos das empresas jornalísticas hegemônicas, apresentam novas formas de produção, circulação e consumo, dando continuidade à história da imprensa negra no Brasil.

**Palavras-chave:** imprensa negra; midiativismo; jornalismo de subjetividade; antirracismo.

### **Introdução**

Este texto é parte da pesquisa de doutoramento em andamento no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, da Universidade do Estado da Bahia (PPGEL/UNEB) que pretende compreender a produção midiática de veículos jornalísticos antirracistas surgidos na internet a partir dos anos 2000, que se associam ao midiativismo e contribuem para promover questionamentos aos paradigmas legitimadores do jornalismo, como a objetividade e a imparcialidade.

Como extrato representativo, destaca-se neste texto o veículo digital Correio Nagô, criado em Salvador em 2008, fruto de experiências de diálogo entre o jornalismo e o ativismo político, realizado pelo Instituto Mídia Étnica, organização social fundada na capital baiana em 2005. O Correio Nagô foi escolhido pela representatividade que construiu dentro do campo, pelo pioneirismo, longevidade, quantitativo de produções próprias e abrangência. Ao atuarem por meio de práticas inclusivas e participativas, que privilegiam fontes e pautas invisibilizadas nos discursos das empresas jornalísticas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem – PPGEL/UNEB  
alosantana@uneb.br.

---

hegemônicas, as mídias digitais negras apresentam novas formas de produção, circulação e consumo, que dialogam com as transformações contemporâneas do campo comunicacional, marcadas pelos avanços tecnológicos e pelos processos de midiaticização. Como mostra dessas práticas, foram observadas as produções jornalísticas realizadas pelo Correio Nagô, entre 2011 e 2021, sobre o Julho das Pretas, série de atividades organizadas pelos movimentos de mulheres negras, para denunciar as intersecções entre racismo, machismo e capitalismo que oprimem triplamente esse contingente populacional.

Os modos de produção, desde a escolha da pauta, o tratamento do tema, a seleção de fonte e a repercussão da temática, prioritário para o movimento social negro e para a militância de mulheres negras, revela características que enquadram o Correio Nagô, tanto na ideia de midiativismo, defendida por Freitas (2018), como de um jornalismo de subjetividade, desenvolvido por Moraes (2019).

A crítica à modernidade tem possibilitado a descoberta dos processos de silenciamento, anulações, subalternizações e invisibilizações de conhecimentos não hegemônicos, ou seja, não alinhados à racionalidade eurocêntrica. Esta inferiorização de culturas como prática do colonialismo, que vem sendo estudada sob o conceito de epistemicídio (CARNEIRO, 2005), pode ajudar a entender a ausência das contribuições intelectuais de pessoas negras na história oficial do pensamento brasileiro. Neste sentido, são urgentes os estudos dedicados a recuperar os saberes produzidos pelos povos trazidos para o Brasil como escravizados e seus descendentes. As tentativas dessa população negra de dominar as ferramentas comunicacionais para a elaboração e a divulgação de ideias foram sistematicamente ocultadas da historiografia legitimada. Contudo, tem sido revistas por estudos que se dedicam a entender as estratégias elaboradas para participação nos debates nacionais (PINTO, 2018).

Diante da nova racionalidade inerente às tecnologias da informação (SODRÉ, 2016) e novas possibilidades de práticas jornalísticas a partir do ambiente digital (CANAVILHAS, 2004), esta pesquisa visa investigar as contribuições das mídias digitais negras ao campo do jornalismo. As possibilidades trazidas pelos avanços tecnológicos e pelo surgimento do ciberespaço (LEVY, 2007) oportunizaram o surgimento de veículos digitais identificados pelo discurso antirracista e de valorização da população negra.

---

Herdeiros de experiências da imprensa negra (PINTO, 2010) e associados a movimentos de midiativismos (FREITAS, 2018), em uma disputa de narrativas com os veículos tradicionalmente vinculados ao pensamento colonial moderno, construídos nas bases do positivismo, eurocentrismo, racismo e de uma racionalidade autolegitimadora, as mídias digitais negras constroem novas formas de vinculação entre fontes e audiências, por meio do acionamento dos afetos (SODRÉ, 2016), da valorização das subjetividades e do questionamento da imparcialidade.

Esses veículos desenvolvem suas práticas jornalísticas a partir dos princípios da cibercultura e da convergência midiática, que são a conectividade, a inteligência coletiva e a cultura participativa (JENKINS, 2012). Essas mídias trazem para o tabuleiro dos embates discursivos midiáticos vozes da diferença, intelectualidades produzidas no âmbito das movimentações culturais, artísticas, sociais e políticas negras. Trazem para o campo do jornalismo novas possibilidades de abordagens, novas fontes e temáticas, em um reencontro com a função profissional de evidenciar o interesse público, denunciar violações de direitos e registrar as disputas de poder na construção da democracia e da cidadania.

### **Trajetória do Correio Nagô**

O ano de 2005 foi significativo para as lutas antirracistas contemporâneas na cidade de Salvador. Um ano após a aprovação das ações afirmativas que levaram à implantação das cotas raciais no acesso à Universidade Federal da Bahia, a capital baiana vivenciou a criação do Programa de Combate ao Racismo Institucional, um convênio entre a Prefeitura Municipal e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD/ONU), para o combate ao racismo e a promoção da igualdade racial em todos os órgãos e entidades da administração pública municipal.

A institucionalização destas políticas foi acompanhada por uma forte mobilização da sociedade civil, com a criação de organizações, coletivos e núcleos que buscavam discutir as especificidades do racismo em áreas estratégicas como Saúde, Educação, Meio Ambiente, Segurança Pública e Comunicação. Entre as entidades atreladas ao movimento negro criadas em 2005, estão o Instituto Mídia Étnica, o CMA Hip Hop – Comunicação, Mobilização e Atitude, a Campanha Reaja ou Será Morto, o Núcleo de Religião de Matriz Africana da Polícia Militar da Bahia (Nafro-PM), entre outros espaços de luta.

---

Neste mesmo ano, o movimento pela Democratização da Comunicação organizou ações, inserindo a cidade no calendário nacional de mobilizações pelo direito humano à comunicação. Entre as atividades, houve o lançamento do Instituto Mídia Étnica (IME), em outubro de 2005. A organização foi criada por jovens comunicadores incomodados com a representativa das imagens e narrativas negras nos meios de comunicação.

Em meio às estratégias de combate ao racismo na mídia, que inclui monitoramento e leitura crítica dos veículos hegemônicos, formação para as tecnologias da Comunicação e da Informação e assessoramento midiático às organizações do movimento negro, o IME criou, em 2008, o portal Correio Nagô, para desenvolver um trabalho colaborativo, de partilha dos conteúdos criados com a participação comunitária.

A partir da inquietação de jovens comunicadores, incomodados com a ausência de negros na mídia, o portal Correio Nagô nasceu com um propósito: contrapor as narrativas da mídia hegemônica, criando um site de notícias com a cara, conteúdo e escrito pelo povo negro (SANTANA, 2022).

As primeiras experiências de construção do Correio Nagô foram iniciadas ainda em 2006, com um blog e uma comunidade no Nig<sup>3</sup> que utilizavam as ferramentas tecnológicas do período. Em 2008, o portal foi estruturado e lançado como um veículo multimídias, oferecendo conteúdos em formato de textos, fotos, ilustrações e vídeos, articulado com as redes sociais, com uma redação própria, além de contribuições de colaboradores.

O nome Correio Nagô vem de uma das formas de resistência dos primeiros negros escravizados, que transmitiam o conhecimento e a informação através da comunicação oral:

Correio Nagô é a comunicação boca a boca entre os negros, entre a comunidade negra escravizada. Porque nas rebeliões, nos processos de luta de quilombos, essa conversa de um para o outro foi muito importante na nossa história aqui no Brasil, até porque obviamente a gente não tinha veículos (SANTANA, 2020).

O Correio Nagô continua em atividade e foi inserido em outras plataformas digitais como o Facebook, Instagram e Youtube. A redação do portal está localizada no mesmo prédio onde funciona o IME, no bairro Dois de Julho, no Centro de Salvador, e

---

<sup>3</sup> Plataforma *on-line* que permite a criação de redes sociais individualizadas, fundada em outubro de 2005 por Marc Andreessen e Gina Bianchini.

---

conta com uma equipe transitória de comunicadores, entre jornalistas, designers, cinegrafistas, e estudantes de Comunicação, que atuam como estagiários. A sustentabilidade da organização é possível por meio de parcerias e financiamento de organizações internacionais que apoiam a mídia livre, além de editais públicos.

Por essa razão, pode ser visto como espaço alternativo, democrático e plural das vozes dos negros na Bahia, no Brasil, no continente africano e no mundo inteiro ao apropriar-se das potencialidades das tecnologias de informação e comunicação (TIC) para desenvolver, entre seus membros, a cultura participativa concorrendo, deste modo, para o desenvolvimento da inteligência coletiva (CRUZ; DJIVE, p.13, 2013).

Para Jenkins (2012), a cultura participativa implica o engajamento de todos os membros na busca, criação, recriação e inovação de conteúdos para alimentar a comunidade. Jenkins aponta que a era da convergência das mídias permite modos de audiência comunitários, em vez de individualizados. Na cultura participativa, cada pessoa tem algo a contribuir, gerando uma inteligência coletiva, fortalecendo e reafirmando os laços sociais, e não a posse do conhecimento particularizado (CRUZ; DJIVE, 2013).

As possibilidades trazidas pelo jornalismo digital encontram um campo de exploração significativo nas novas posturas impressas pelo movimento de profissionais da comunicação empenhados em utilizar as práticas jornalísticas e o lugar de destaque social do jornalismo para denunciar o racismo e apresentar novas formas de abordagem da questão racial brasileira. O Correio Nagô é um dos pioneiros entre os veículos digitais antirracistas, criados na internet a partir dos anos 2000, como versões contemporâneas da imprensa negra do Brasil.

A imprensa negra brasileira, além de construir um noticiário crítico sobre a condição cidadã do negro no Brasil, expondo os processos discriminatórios e as violências a que essa população é submetida, tem buscado contribuir com o processo de conscientização da importância de valorização da negritude e a discussão da questão da cidadania negra no Brasil (ARAUJO; PERUZZO, 2021, p. 230).

Araujo e Peruzzo (2021) destacam dois aspectos mantidos pela imprensa negra ao longo da história: a difusão de conteúdos relacionados ao cotidiano dos povos negros que não são devidamente retratados nos meios de comunicação tradicionais e a aproximação das pautas com os posicionamentos dos movimentos sociais pelo reconhecimento de direitos.

---

O Correio Nagô, veículo foco deste texto, como já informado anteriormente, é mantido por uma organização social e política vinculada ao movimento negro, o que confirma a relação intrínseca entre as dinâmicas jornalísticas e as demandas do movimento social. Esta é uma atribuição assumida pela imprensa negra que supre a pouca visibilidade e até depreciação por parte dos veículos hegemônicos das bandeiras de lutas defendidas pelos movimentos sociais, em especial, pelo movimento negro.

A comunicação antirracista que ocupa as redes sociais digitais do século XXI é herdeira das experiências de comunicação ativistas que vão desde os Boletins Sediciosos da Revolta de Búzios, de 1798; os manifestos abolicionistas publicados por intelectuais negros na imprensa do século XIX; os veículos dirigidos por pessoas negras e/ou organizações negras ao longo do século XX, como o jornal Quilombo, criado por Abdias do Nascimento, em 1948; o jornal Nêgo do MNU (1989-1994), o jornal Irohin (1996 e 2010), editado por Edson Carneiro, experiência fundamental para a formação de uma geração de comunicadores empenhados a ocupar o espaço da mídia, sobretudo do jornalismo, para ecoar as reivindicações pelos direitos das populações negras<sup>4</sup>.

Pedro Caribé (2018) define as mídias negras como iniciativas que se relacionam direta ou indiretamente com processos políticos dos diversos movimentos negros e detém um controle de corpos negros na sua propriedade intelectual.

São formas de expressão que transitam entre a escrita literária e jornalística, e entre as imagens em movimento (audiovisual) e paradas (fotografia), independente do suporte: impresso, televisão, cinema e internet (CARIBE, 2018, p. 35).

Para o pesquisador, a insegurança vivida pela população negra e a frágil cidadania oferecida pelo Estado brasileiro ao negros tornam o direito à comunicação fundamental para esse grupo social que resiste ao racismo.

Não consegue-se convencer desde das pessoas mais comuns às lideranças políticas que nossa liberdade está em constante risco e que alguma coisa precisa ser feita de imediato. Paira uma ilusão de que existe espaço e garantias para tudo o que quisermos falar ou produzir - não à toa, é o mesmo tipo de ilusão de que continuarmos a viver numa

---

<sup>4</sup> Aliadas a estas iniciativas estão as experiências no campo da imagem, seja fotografia ou audiovisual, com destaque para o acervo ZUMVI, do fotógrafo Lázaro Roberto, e as práticas cineclubistas de Luiz Orlando. Essas trajetórias estão documentadas na websérie Cinema de Terreiro, que resgata a história do cinema negro da Bahia através de depoimentos de profissionais de diferentes gerações e atuações no campo cinematográfico, que pode ser verificado no endereço <https://www.youtube.com/user/Cultne>.

---

democracia racial no país. O que gostaria de lançar aqui é que vivemos no Brasil sob a liberdade condicional: a possibilidade de expressar-se, desde que esteja em constante vigília e correspondência às expectativas dos grupos dominantes, caso contrário, buscam silenciar a sua voz (CARIBÉ, 2018, p. 34).

Para Araujo e Peruzzo (2021), a caracterização desses veículos negros como alternativos se dá pela abordagem diferenciada ou especializada (alternativa) do que é veiculado sobre a temática racial pela imprensa tradicional, justamente em razão de suas conexões com a negritude.

Nesse sentido, compreende-se que boa parte da imprensa negra brasileira é alternativa, em razão de seu comprometimento com os sujeitos e temáticas tratados de forma subalternizada pela sociedade e pela imprensa tradicional (ARAUJO; PERUZZO, 2021, p. 236).

São experiências que se enquadram na ideia de midiativismo (FREITAS, 2018), como sinônimo da comunicação comunitária e popular, realizada por grupos que produzem iniciativas de comunicação inclusiva, representativa, participativa, colaborativa e coletiva, portanto, ativista.

Além de combater as pressões do mercado dominado pelas grandes corporações de comunicação hegemônica, esses grupos oferecem visibilidade a questões antes invisibilizadas pela ausência de representação ou pela presença desqualificadora (FREITAS, 2018, p. 402).

As produções do Correio Nagô possibilitam refletir sobre os temas desta representação que se pretende ser uma contra narrativa aos discursos hegemônicos do jornalismo. O movimento de mídias alternativas ou midiativistas atuam em uma perspectiva que questiona a estrutura e o funcionamento dos meios de comunicação no Brasil e, ao mesmo tempo, constroem produções e formas alternativas de comunicar, desta vez falando a partir daqueles segmentos sociais empobrecidos que não se enxergam muito bem na mídia tradicional (FREITAS, 2009).

Fabiana Moraes (2019) defende que uma prática ativista não significa ao jornalismo abrir mão de ferramentas e procedimentos fundamentais à dinâmica profissional, como apuração, pesquisa e escuta das várias vozes. Mas, expressa o emprego dessas práticas “em abordagens que, bem realizadas, respeitam e potencializam

---

aquilo que o jornalismo tem de mais poderoso: iluminar o que está sob as sombras” (MORAES, 2019, p.12).

Ao tentar repensar as práticas vistas na confecção de notícias e reportagens, já se realiza um ativismo em si. A escolha dos temas, das fontes e dos locais de observação, além do vital recorte das pautas, já demonstram uma tomada de posição que pode ou desestabilizar representações redutoras ou confirmá-las (MORAES, 2019, p. 12).

Moraes critica a falsa dicotomia criada entre o que seria o bom jornalismo e o jornalismo ativista, feito por profissionais que “ao deixarem claros os propósitos de suas produções, são menos confiáveis”.

Poderíamos pensar justamente o contrário: acreditar preferencialmente em quem revela-se (às vezes, de maneira discreta, na medida que as empresas de comunicação permitem) e olhar com sérias restrições quem se antepara em lugares-comuns como “apenas relatei os fatos” para esconder interesses específicos (MORAES, 2019, p. 13).

Sodré (2016), ao sugerir o conceito de Estratégias Sensíveis, ressalta que as pesquisas e a produção do conhecimento no campo da Comunicação precisam observar a presença dos afetos, cada vez mais acionados pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação. Destaca-se, então, que a imprensa negra baseia-se nas emoções, subjetividades, performances corporais e expressões do campo dos afetos que desaguam na necessidade de reconhecimento, inerente à condição humana. Este é um caminho teórico que privilegia o emocional, o sentimental, o afetivo e o mítico.

A Teoria do Espelho (TRAQUINA, 2004) está intimamente ligada à legitimidade, à objetividade e à credibilidade do campo jornalístico e ao afastamento da subjetividade e dos afetos no ofício do jornalista. Contudo, nas novas abordagens de estudos do jornalismo, percebem-se transformações nas últimas décadas, que impactam o ofício, especialmente quando as novas rotinas jornalísticas incluem maior participação coletiva e interatividade com os públicos, que também atuam na produção.

O fortalecimento de mídias comunitárias, do jornalismo independente e dos veículos com recortes identitários, como as mídias feitas por mulheres, povos indígenas, pessoas negras e comunidades LGBTQIA+, trouxe novas preocupações ao campo do jornalismo e a atenção mais ampla e interseccional da sociedade.

---

Neste sentido, é muito útil a ferramenta teórica elaborada por Moraes (2019), do jornalismo de subjetividade, que assume este elemento para tratar de temas tão recorrentes na busca pela produção de representações mais integrais sobre pessoas e grupos.

A subjetividade a qual nos referimos nesse jornalismo que busca ser mais integral se situa em critérios também objetivos: na necessidade de observarmos posições de classe, gênero, geográficas, raciais, grupais; na obrigatoriedade de levar em conta a estrutura social circundante (em nosso caso, a brasileira, fraturada pelo classismo e pelo racismo (MORAES, 2019, p. 6).

### **O Julho das Pretas**

Conforme informado na introdução deste texto, trata-se de uma pesquisa em andamento, cujas categorias de análises estão sendo construídas a partir das leituras de referenciais metodológicos e do mapeamento das produções jornalísticas das mídias negras.

Neste exercício inicial de demonstrar as práticas de subjetividade e ativismo, além de destacar a criação e trajetória do portal, foram observadas as produções jornalísticas realizadas pelo Correio Nagô, entre 2011 e 2021, sobre o Julho das Pretas, série de atividades organizadas pelos movimentos de mulheres negras, para denunciar as intersecções entre racismo, machismo e capitalismo que oprimem triplamente esse contingente populacional. O Julho das Pretas foi criado no âmbito do fortalecimento dos discursos que buscam alertar para especificidades das reivindicações das mulheres negras em relação às pautas amplas do feminismo.

Extrapolando às celebrações pelo 8 de março (Dia Internacional das Mulheres), foi criado o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, celebrado em 25 de julho. No Brasil, o dia também é em homenagem à Tereza de Benguela, líder quilombola que resistiu à escravidão na região de Mato Grosso, no século XVIII.

O Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra foi oficializado, por meio de lei sancionada pela presidenta Dilma Roussef, em 2014. Um ano antes, o movimento de mulheres negras já articulava ações ao longo de todo mês de julho. Nas coberturas jornalísticas realizadas pelo Correio Nagô, ao longo dos dez anos do Julho das Pretas, percebeu-se o empenho do veículo em destacar as vozes insurgentes, explicar a relevância da data e ampliar a diversidade de fontes, possibilitando que mulheres negras

---

intelectuais, artistas, de religiões de matriz africana, da comunidade LGBTQIA+, em situação de rua, dos movimentos de juventude, entre outros segmentos, estivessem representados nas reportagens.

Como percurso metodológico, foi analisado ao menos um conteúdo produzido em cada ano, entre matérias, agendas, entrevistas e videorreportagens vinculados no portal, no canal do Youtube, na comunidade Ning e nos perfis nas redes sociais digitais<sup>5</sup>.

Em diálogo com a equipe de profissionais, em sua maioria formada por mulheres negras e jovens, percebe-se a busca pelo envolvimento na pauta em questão, desde a participação em reuniões de construção das atividades, a mobilização de público e de outros agentes midiáticos, à presença frequente em atos e em marchas reivindicatórias. As produções foram investigadas a partir de categorias de análises, tais como: linguagem, fontes, colaboração, convergência de mídias e subjetividade. Serão apresentadas observações iniciais sobre algumas produções que se destacam nesta cobertura.

A primeira referência ao tema, observada no Correio Nagô, é um texto postado na plataforma Ning, pelo colaborador Gilberto Araújo da Cruz, em 24 de julho de 2011. Portanto, dois anos antes do movimento de mulheres negras da Bahia apresentar uma agenda de programação para celebrar o 25 de julho e três anos antes do governo brasileiro oficializar a data. Destaca-se, assim, o caráter pioneiro de visibilidade da data no portal.

A postagem informa o histórico da data criada em 1992, durante o I Encontro de Mulheres Afro-Latino-Americanas e Afro-Caribenhas, em Santo Domingos, República Dominicana. Com um *card* assinado pela Aliança de Negras e Negros Evangélicos do Brasil, traz imagens de mulheres negras com destaque para baianas tipicamente vestidas, incluindo uma em um tradicional tabuleiro, para venda de quitutes da culinária afro-baiana.

O texto termina com o seguinte trecho:

O objetivo da comemoração de 25 de julho é ampliar e fortalecer às organizações de mulheres negras do estado, construir estratégias para a

---

<sup>5</sup> Neste momento da pesquisa de doutorado, plataformas como Instagram e Facebook, interessam como espaço de divulgação dos conteúdos jornalísticos do portal. As próximas etapas incluirão a análise das produções específicas para essas redes digitais e a performance desempenhada pelos comunicadores antirracistas diante das exigências da convergência midiática no ciberespaço, onde imperam lógicas algorítmicas e novas formas de controle pelo capitalismo informacional.

---

inserção de temáticas voltadas para o enfrentamento ao racismo, sexismo, discriminação, preconceito e demais desigualdades raciais e sociais. É um dia para ampliar parcerias, dar visibilidade à luta, às ações, promoção, valorização e debate sobre a identidade da mulher negra brasileira (CRUZ, 2011).

Em 2013, o Odara Instituto da Mulher Negra, de Salvador, propôs uma agenda de atividades no mês de julho para marcar o Dia da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, dando o nome de Julho das Pretas. A partir de então, todos os anos, o Correio Nagô abriu espaço para divulgar e para cobrir as ações. Para algumas, a simples publicação do release, para outras destaque em vídeos e entrevistas. Sempre a temática esteve presente

Em 2016, a 4ª edição do Julho das Pretas discutiu novas narrativas de representação negra na produção da comunicação, com a realização de um seminário em Salvador, intitulado *Mulheres Negras em Foco: Mídia e Comunicação*.

O vídeo sobre o seminário, produzido pela TV Correio Nagô<sup>6</sup> e disponível no Youtube, traz imagens das mesas de debates, do público presente e depoimento da jornalista Rosane Borges, da filósofa Djamila Ribeiro e da coordenadora executiva do Odara – Instituto da Mulher Negra, Valdecir Nascimento.

A equipe da TV Correio Nagô cobriu toda a marcha realizada pelas organizações de mulheres negras no centro de Salvador. Na edição do vídeo, oito mulheres são apresentadas, revelando uma diversidade de fontes e o interesse do veículo em evidenciar as vozes dos diversos segmentos da sociedade. Entre as entrevistadas, uma professora, uma vereadora, que é lésbica e do Candomblé, duas cantoras de RAP, duas líderes de organizações sociais, uma gestora de órgão público e uma mulher em situação de rua.

Em 2018, o Correio Nagô publicou a reportagem *O Julho das Pretas começou. Saiba mais sobre a programação*, assinada por Beatriz Almeida, sob supervisão de Donminique Azevedo. A matéria resulta da participação do veículo na coletiva de imprensa promovida pelo Odara Instituto da Mulher Negra, para lançar as atividades nacionais do Julho das Pretas daquele ano, que teve como tema como *slogan*, *Mulheres*

---

<sup>6</sup> O canal da TV Correio Nagô é coordenado por Rosalvo Neto, formado em Cinema e um dos diretores do Instituto Mídia Étnica. No acervo do canal dezenas de vídeos dão conta das atividades do movimento negro brasileiro, em especial da Bahia, nos últimos 15 anos, além de trazer entrevistas e debates sobre temas recorrentes nas relações raciais, como ações afirmativas, violência policial, encarceramento, colorismo, etc. A análise dessas produções e seu caráter formativo para o letramento racial será aprofundada na pesquisa em curso.

---

*negras movem o mundo*, em que se destacaria os 130 anos da Abolição Inacabada da Escravidão e os 30 anos do primeiro encontro de mulheres negras do Brasil. A matéria traz falas de Valdeci Nascimento, uma das brasileiras que estiveram no encontro realizado na República Dominicana em 1992, origem da data, cuja história é lembrada no texto.

A matéria do Correio Nagô possui um *link* para uma agenda completa de atividades promovidas em torno da temática da mulher negra em todo país. “Trata-se de uma programação unificada e propositiva que dá conta de demandas que o 8 de Março não consegue – demandas específicas da realidade das mulheres negras” (ALMEIDA, 2018), diz o texto.

Durante o Julho das Pretas de 2021, o Correio Nagô apresentou a série *No peito e na raça: mulheres negras no poder em Salvador*, de entrevistas exclusivas feitas pela jornalista Cláudia Correia, colaboradora do portal, com as cinco vereadoras negras da capital baiana, que conversaram sobre a presença da mulher negra na cena política. Num universo de 43 vereadores e vereadoras, na maioria homens brancos, os perfis das entrevistadas revelam diversidade e muita determinação para encarar os desafios.

Esses recortes revelam a importância da temática das mulheres negras para o jornalismo do Correio Nagô e o interesse em destacar uma pauta de pouca visibilidade midiática. Como afirma Freitas (2018), essas mídias funcionam como reelaborações culturais advindas da percepção da existência de capacidade de produzir novos olhares sobre a realidade de segmentos sociais discriminados, que contribuem para libertar a expressão oprimida e construída com base na visão de outros.

Neste sentido, Moraes (2019) defende o jornalismo de subjetividade como ferramenta útil, ao empregar uma abordagem não espetacularizada sobre tais grupos; sem enquadrá-los como exóticos, engraçados, vítimas ou violentos.

Entendemos que o jornalismo de subjetividade, que preza, como dito, pela semelhança, e não pela diferença (o eu, “normal”, o outro, “espetacular”), pode ser um caminho importante para fissurar essa prática estabilizada, na qual há a recusa a modos de existência não hegemônicos. Ele também proporciona a abertura para o que o campo, a rua, as complexidades que se colocam durante a investigação, podem trazer (MORAES, 2019, p. 11).

## **Considerações finais**

A liberação do pólo de emissão e a chegada de novos produtores de informação implicaram novas condições de produção, circulação e reconhecimento para o discurso jornalístico. Neste sentido, grupos sociais historicamente apartados das produções midiáticas, como as populações negras, passam pouco a pouco a interagir nas produções de conteúdos, especialmente nos espaços oportunizados pelas mídias não hegemônicas. Essa dinâmica altera um processo de exclusão que compromete a contribuição do campo jornalístico para a democracia.

Em oposição às práticas racistas dos meios de comunicação, se configurou no país uma tradição de imprensa negra, de veículos comprometidos com a construção de narrativas contra hegemônicas, que encontraram nos avanços tecnológicos e nos meios digitais possibilidade de maior inserção e produção de outros discursos.

Para Freitas (2018), como o midiativismo é organizado pela coletividade, transforma-se em movimento social e prática política.

Por meio de experiências de subjetividades individuais e coletivas, singulares e universais, compromissadas com a ação política, ao defenderem o reconhecimento da diversidade étnica e cultural e o combate ao racismo e à intolerância religiosa – o que contribui, de modo mais amplo, para a conquista da cidadania por grupos desprestigiados e juridicamente vulneráveis frente aos recortes de raça e etnia, gênero, classe, regionalismos, localismos e pertencimento religioso. (FREITAS, 2018, p.399).

O desenvolvimento da pesquisa de doutoramento possibilitará entender a contribuição da imprensa negra para a construção narrativa das pautas de interesse da população negra, evidenciada pelas organizações que compoem o movimento negro e se apresentam como representantes e interlocutores das demandas por direitos do povo negro.

A produção do Correio Nagô revela as atuações e as transformações ocorridas no campo ao longo da última década, desde o pioneirismo, ao focar certos temas até a utilização das recentes estratégias midiáticas de disputas no campo comunicacional, explicitadas no recorte escolhido do Julho das Pretas. A intenção é compreender como as narrativas produzidas por esse veículo impactam na visibilidade das temáticas e na participação destes agentes na esfera pública de visibilidade política.

---

As mídias negras são, pois, discursos contra hegemônicos no campo do jornalismo e ferramentas de reelaboração e de apropriação na produção de sentidos, incorporando novas vozes, perspectivas, reivindicações e afetos vindos dos movimentos sociais, artísticos e políticos antirracistas ao campo do jornalismo, rompendo com paradigmas e afirmando o ativismo e as subjetividades como elementos de fortalecimento da necessidade social do jornalismo.

## Referências

- ALMEIDA, Beatriz. O Julho das Pretas começou. Saiba mais sobre a programação. **Correio Nagô**, 9 jul. 2018. Disponível em: <https://correionago.com.br/o-julho-das-pretas-comecou-saiba-mais-sobre-a-programacao/>. Acesso em: 10 maio 2022.
- ARAUJO, Valmir Teixeira; PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Imprensa negra e cidadania: conteúdos do Correio Nagô, Mundo Negro e Nação Z. **Matrizes**, Universidade de São Paulo, v. 15, n. 2, p. 229-250, 2021.
- CANAVILHAS, João. **Webjoraismo**: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada. 2012. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>. Acesso em: 5 maio 2022.
- CARIBÉ, Pedro. Mídia Negra: Experiências de enfrentamento à liberdade condicional. **Revista Afirmativa**, Salvador, n. 3, 2018.
- CARNEIRO, Sueli. **A Construção do Outro como Não-ser como fundamento do Ser**. São Paulo: FUESP, 2005.
- CRUZ, Dulce Maria; DJIVE, Gilberto Filimone. O Instituto Mídia Étnica como experiência da inteligência coletiva e cultura participativa. **Revista Eptic**, v. 15, n. 3, p. 131-145, 2013.
- CRUZ, Gilberto Araujo da. 25 de Julho - Dia da Mulher Afro Latino-americana Caribenha e da Diáspora. **Correio Nagô**, 24 jul. 2011. Disponível em: <https://correionago.ning.com/profiles/blogs/25-de-julho-dia-da-mulher>. Acesso em: 10 maio 2022.
- FREITAS, Ricardo (org.). **Mídia alter{n}ativa**: estratégias e desafios para a comunicação hegemônica. Ilhéus: Editus, 2009.
- FREITAS, Ricardo. Midiativismo na Bahia: o caso do cinema de brodagem afroindígena e a rede de jovens de axé. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; MARA, Marco Túlio (org.). **Interfaces do Midiativismo**: do conceito à prática. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. p. 399-415.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Tradução de Daniel Miranda e Wiliam Oliveira. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016. Discurso, poder e o sujeito. p. 76-113.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

---

HALL, Stuart. Raça, o significante flutuante. Tradução de Liv Sovik, em colaboração com Katia Santos. Z Cultural. **Revista do Programa Avançado em cultura contemporânea**, ano 8, n. 2, 2015. Disponível em: <http://bit.ly/Hall-Raça>. Acesso em: 3 jun. 2022.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2012.

LÉVY, Pierre. **A Cibercultura**. São Paulo: 34, 2007.

MARCONDES FILHO, C. **Para entender a comunicação: contatos antecipados com a nova teoria**. São Paulo: Paulus, 2008.

MORAES, Fabiana. Subjetividade: Ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. **Extraprensa**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 204-219, jan./jun. 2019.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Escritos de Liberdade – Literatos Negros, Racismo e Cidadania no Brasil Oitocentista**. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa Negra no Brasil do Século XIX**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

ROSHANI, Niousha. Discurso de ódio e ativismo digital antirracismo de jovens afrodescendentes no Brasil e Colômbia. In: Silva, Tarcízio (org.). **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiaspóricos**. São Paulo: LiteraRUA, 2020. p. 43-62.

SANTANA, André. Conheça quatro veículos brasileiros de mídia negra, que fazem jornalismo antirracista e com perspectiva racial. Entrevista concedida a Marina Estarque. **Latam Journalism Review do Knight Center**, 24 nov. 2020. Disponível em: <https://latamjournalismreview.org/pt-br/articles/conheca-quatro-veiculos-brasileiros-de-midia-negra-que-fazem-jornalismo-antirracista-e-com-perspectiva-racial/>. Acesso em: 10 maio 2022.

SANTANA, André. Midiativismo antirracista em Salvador: experiências de comunicação comunitária na mídia digital negra. In: FERNANDES, André (org.). **Novos rumos da comunicação comunitária no Brasil**. São Paulo: Agência Nacional de Favelas – ANF, 2022.

SANTANA, André. Portal Correio Nagô comemora uma década fazendo “informação do seu jeito”. Entrevista concedida a Donminique Azevedo. **Correio Nagô**, Salvador, 1 nov. 2018. Disponível em: <https://correionago.com.br/portal-correio-nago-comemora-uma-decada-fazendo-informacao-do-seu-jeito/>. Acesso em: 10 maio 2022.

SODRÉ, Muniz. **As Estratégias Sensíveis, afeto, mídia e política**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.